

Economia Brasil

Klaus Kleber*



Pobre brasileiro rico (em dólar)

Mais uma vez se comprova que o Banco Central (BC) continua voando por piloto automático. Os controladores de vôo do setor financeiro dizem quanto baixar a Selic e o Copom fica dentro da faixa de juro real. Em 30 de agosto, baixou o juro para 14,25%, quando a expectativa da inflação, medida pelo IPCA, para os próximos 12 meses era de 4,51%. Resultado: juro real de 9,32%. Anteontem, baixou para 13,75%, mas a previsão de inflação para os 12 meses seguintes caiu para 4,05%. Vitória: o Copom conseguiu um empate: juro real de 9,32%.

Essa obediência ao plano de vôo, tão louvada pelo setor financeiro, não é novidade. Surpresa tive eu ontem, ao examinar os últimos números relativos ao setor externo, divulgados pelo BC. Vamos por partes. O BC diz que o superávit em transações correntes nos 12 meses findos em setembro deste ano foi de US\$ 13,31 bilhões, o que representa 1,50% do PIB. Logo, nosso produto real é de US\$ 887 bilhões. Diz o IBGE que a população do Brasil é de 187 milhões. Fazendo a conta, temos uma renda per capita (atenção, instituições internacionais) de US\$ 4.743.

Na verdade, somos mais emergentes que pensamos. Em dólares, claro. Nos 12 meses terminados em setembro de 2005, tínhamos um superávit em conta corrente de US\$ 13,02 bilhões, o que representava então 1,74% do PIB, segundo sempre o BC. Logo, nosso PIB era então de US\$ 749 bilhões. Como éramos, há um ano, 184 milhões de brasileiros, tínhamos uma renda per capita de US\$ 4.070. Por uma

regra de três simples, verificamos que a renda per capita, em dólares, bem entendido, aumentou 16,53% em um ano!

A explicação é que, no período anual até setembro do ano passado, a cotação média do dólar em relação ao real foi de R\$ 2,566. Já nos últimos 12 meses até o mês passado, a taxa média do dólar baixou para R\$ 2,202. Inegável é que, pela mágica do câmbio dito flutuante, ficamos todos mais ricos em dólar. Ninguém sabe e ninguém viu esse aumento espetacular de nossa renda per capita, o que, para dizer a verdade, é coisa bastante comum em terras brasileiras.

Algo mais palpável, porém, temos para comemorar: as reservas cambiais brasileiras alcançaram US\$ 75,55 bilhões, correspondendo 8,51% do PIB de setembro. É pouco, dizem, pois a Argentina tem até mais em relação a seu PIB. Isso para não falar na China, Índia, Coreia do Sul, etc. Mas, quanto a isso, não se preocupem: logo as reservas chegarão a US\$ 80 bilhões ou US\$ 90 bilhões. Com o piloto automático ligado, a única coisa que o BC pode fazer é intervir no mercado comprando dólar (e reforçando as reservas) para evitar que a cotação das verdinhas caia a R\$ 2,00. Este, parece, é o fundo do poço.

O câmbio flutuante, com alguma sujeira pontual, está também está no plano de vôo dos analistas do setor financeiro, firmas lá na torre do aeroporto, e que, graças a Deus, são muito bem remunerados por essa função tão ingrata. Qualquer erro deles nos lançaria no abismo.

* Membro do conselho editorial da Gazeta Mercantil
E-mail: kkleber@gazetamercantil.com.br